

A voz da minha voz: à memória de minhas primeiras mulheres

La voz de mi voz: al recuerdo de mis primeras mujeres

Mailson de Moraes Soares
Universidade do Estado do Pará – UEPA
Belém/PA-Brasil

Resumo

Nestas linhas me lanço ao desafio de escrever sob a ressonância de oralidades femininas marajoaras, as quais constituem minha primeira formação. Desse modo, reflito sobre experiências de um princípio educativo constituído pela Voz e tomo como traço metodológico os estudos autobiográficos (PASSEGI, 2017), seus desdobramentos relacionados à formação do sujeito (JOSSO, 2004), bem como estudos sobre Memória (HALBWACHS, 1990) e Poéticas Oraís (ZUMTHOR, 1997), o Homem e a percepção da vida (MERLEAU-PONTY, 1999), dentre outros. Então, eu enquanto homem afro religioso-educador-pesquisador, nas páginas a seguir, vislumbro, por meio da escrita, prenunciar tais vozes primeiras, ecos ancestrais, de mulheres, que me perfazem e constituem o tecido da vida que se imbrica e destraça nessas linhas, no corpo que sobre ela se deita corpo-escrita.

Palavras chave: Voz; Memória; Mulheres; Poéticas Oraís; Encantaria.

Resumen

En estas líneas, me lanzo al desafío de escribir bajo la resonancia de las oralidades femeninas marajoaras, que constituyen mi primera formación. De esta manera, reflexiono sobre experiencias de un principio educativo constituido por la Voz y tomo como rasgo metodológico los estudios autobiográficos (PASSEGI, 2017), sus desarrollos relacionados con la formación del sujeto (JOSSO, 2004), así como estudios sobre Memoria (HALBWACHS, 1990) y Poética oral (ZUMTHOR, 1997), El hombre y la percepción de la vida (MERLEAU-PONTY, 1999), entre otros. Entonces, yo, como hombre-educador-investigador afro-religioso, en las páginas que siguen, vislumbro, a través de la escritura, presagiar estas primeras voces, ecos milenarios, de mujeres, que me componen y constituyen el tejido de la vida que es. entretejidos y quebrados en estas líneas, en el cuerpo que yace sobre él cuerpo-escritura.

Palabras llave: Voz; Memoria; Mujeres; Educación; Poética oral; Encantamiento.

Foi um rio que passou em minha vida... Foi a voz da Mulher que me encantou...

Desde o nascedouro, meu ser foi banhado no rio da linguagem por afluentes de oralidade afro-ameríndia-marajoara, constituindo-me por veias d'água de acalantos femininos, por hálito fecundo dos lábios de mulher. Como que deidades, do fundo, encarnadas – Oxum, Iara, Sereias, Ondinas⁴¹: mãe, avó, tias e depois amigas, companheiras de jornada, professoras, constituíram-me o corpo homem por oralidades femininas, que reverberam no que sou, que permito-me ser e no que construo. O reflexo do que sinto e penso, nasce em mim alimentado pela seiva fêmea da *Palavra*. Verbo proferido como instância vivificadora. Pois, “a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dela”, já anunciou o evangelhista, em conformidade com o que prenuncia Zumthor (1997), “a voz é sopro criador”.

Posto que o dizer é fruto invisível de encantaria dos sons humanos que nos tecem, nesse momento ele cede lugar à escrita, numa intercessão entre letra e voz, para que tornado grafia, possa registrar e compor este texto que, como as águas de Marajó, num desaguar insurgente fazem-no descer página abaixo em ato criador. Por meio da memória das mulheres que perfazem minha vida e suas *narratividades*⁴², numa reflexão sobre a constituição do meu corpo e as reverberações desta formação pela palavra *bem dita*.

Para tanto, trago nessas páginas vazadas da memória, recordações, lembranças das primeiras mulheres que me educaram. E por viés autopoético e autobiográfico, anseio compartilhar fios dessas vozes, visto que a metodologia autobiográfica segundo Jossso (2004) legitima a produção do saber em vias da subjetividade, no ato do sujeito ao narrar, considera a intersubjetividade como suporte para atividade intelectual.

Desse modo, como teia que enlaça a própria aranha, mas ao invés de matá-la a alimenta, tomo minhas memórias educativas e as trato como possibilidade de estudo, formação do sujeito na compreensão do que assegura Hawbachs (1990), serem as memórias internas do indivíduo uma camada profunda e legítima.

Assim, desteeço nestas linhas os lampejos da minha primeira formação, pelas vazões desse grande rio formado pela presença feminina. São as mulheres e suas existências que preenchem e dão sentido à minha vida. Mesmo sendo a escrita necessária para registrar isto, não se pode perder de vista que a oralidade em seus interstícios com imaginário e memória são vetores fundantes para ação do homem no mundo; suas intercessões geram o afeto e nos torna mais humanos em nossa humana condição.

⁴¹ Todas são entidades ou mitos femininos relacionados à água. De origens diversas africana, indígena, europeia, na Amazônia sincretizam-se, fundindo culturas e imaginários.

⁴² Narratividade, aqui posta, enquanto uma das formas de se pensar o conceito de “eu” na contemporaneidade; os modos de Ser-narrar; a vida como narrativa.

Tempo das Águas... memórias encharcadas

É tempo. Chove em Marajó, os olhos d'água nos cantos da casa assustam meu avô. O inverno esse ano está rigoroso. Ele pede, aos netos, que peguem areia da praia, amontoadas no barracão de fazer farinha, coletada no verão, para colocar nos olhos d'água aflorados no interior da casa. Está tão úmido, tudo tão encharcado, que o chão da sala de barro batido, gruda nos pés. Minha mãe fala que inverno assim, tão rigoroso, ela só vira no ano em que eu nasci. Tanta chuva que ela e minha tia, esposa de seu irmão mais velho, secavam as roupinhas dos recém-nascidos, no forno de fazer farinha, que meu avô acendia, com lenha recolhida quando a estação ainda permitia.

Prevenido, o homem simples aprende as estações olhando o céu, sabe que na precariedade dos seus dias terá que responder sozinho a adversidade que só a ele diz respeito. A vida nos campos marajoaras afeita às intuições das águas sabe instruir os seus para quando guardar ou despendar, manter-se ou retirar. Nesses casos, como dizer melhor que os encantamentos líquidos das águas a despeito das circunstâncias adversas?

A água é a origem de todas as coisas, assegura Tales, o primeiro filósofo, metaforiza a erotização primordial: a água da concepção, onde nada o sêmen que origina a vida; a água maternal do ventre, onde o homem mergulha pela primeira vez, e o alimento primeiro (água láctea) - elementos propiciadores das sensações de segurança e proteção, que estabelecem uma relação entre o mundo interior e o mundo exterior (FARES, 2018, p. 90).

Águas que molduraram meu avô materno. Aqui abro um parêntese para falar um pouco desse embrião masculino. Não conheço meu pai, toda referência de família que possuo, é do grau de parentesco com minha mãe, assim o homem que chamo de avô: Elpídio Soares, “Pidico” como ficou conhecido, é a figura paterna em minha vida, que ilustrou minha infância e juventude, e que merece loas em meus dias. Registro aqui sua memória porque em meio às mulheres que fiam meu destino, ele se destaca como presença senhoril.

Seu Pidico era um homem falante, festeiro, “aglomerador”, dirigente de festas de santo: São Sebastião em janeiro, e Santa Maria em maio. Agricultor, pescador, exímio contador de histórias, homem rústico, dotado de sabedoria simples e encantadora. Líder nato, foi presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Salvaterra, na década de 70. Fica gravada aqui sua insígnia, diluída entre as canções de ninar, reservada a um canto carinhosamente feito para ele.

E sigo assim, diluindo-me, pois, a liquidez é um princípio da linguagem como diz Bachelard (1997), e a vida um acontecimento. Das águas doces, a percepção imediata de que algo vai ocorrer. Pois, “o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.05).

Nasci a trinta de dezembro, numa noite fria, de antevéspera do ano novo, à beira do igarapé⁴³, na esteira, amparado por Maria Macumbeira, parteira e pajé, conhecida naquelas ilhargas⁴⁴. Uma surijã⁴⁵ de mão cheia, como dizia minha avó.

Como profecia, logo que meu corpo sentiu o mundo fora do ventre de minha mãe, minha cabeça foi tocada por força ancestral, de mãos que sabiam pôr no mundo as crianças, cuidá-las nos primeiros instantes de vida, antecipar o trato junto às mães, enquanto estas ainda estavam prestes a dar à luz, benzer, preparar unguentos, banhos de erva, garrafadas fortificantes e, tantos outros fazeres antigos: guarnechos na voz, no franzino corpo de mulher marajoara.

Cresci emanado a esses saberes, encantado com as histórias de visagem que meu avô contava, atento aos provérbios de minha avó: “quem não queira sofrer no mundo, que morra no nascedouro”; acalantos educativos que restaram de um tempo em que as galinhas ciscavam no terreiro, gente se reunindo para torrar farinha, procissão passando, pistola, assombrações, menino, correria, trovão.

Foram muitas as histórias que alimentaram minha infância em Marajó: a Cobra Grande presa ali no fundo do rio Paracauari, que divide Soure e Salvaterra, a Matinta Perera, o Soca Pilão e tantas outras que entretiam a mim, meus primos e amigos de vizinhança. Recolhidos no silêncio, ouvíamos e vivíamos todas aquelas visagens narradas.

Assim cresci, uma criança como tantas outras, perdida nas brincadeiras com os muitos primos, tomando banhos de igarapé, embrenhando-me no mato do imenso quintal do meu avô, contando e gabando-me do número de espinhos no pé, envolto às vozes maternas da natureza. Até vir a noite e com ela a dormida com a “primarada”, enquanto os adultos iam para festa no barracão do padroeiro. Sono embalado ao imaginar, sono de tantas redes que parecia a casa do meu avô, um navio nas águas amazônidas... Águas que me conduziram e hoje me fazem escrever num ato performativo, em que dizer é fazer, “biografar-se é tornar-se um outro para construir-se um si mesmo” (PASSEGI; SOUZA, 2017, p.8-9).

Dessas águas, uma correnteza fluída e divina me entraria não só pelos ouvidos, mas pelos poros, olhos, boca, dentes, palmas do pé e por cada centímetro que em contato com aquilo que nos é apresentado, em tenra infância, como sagrado se deixa tomar. Dessa forma, também me comporia devoto, se assim fosse, de Carmem Moraes, minha avó, eu herdaria muitas *Ave Marias*. E a Conceição Imaculada, aquela menina nascida judia, se converteria em símbolo da minha fé, divina senhora, a quem por muitos e muitos dias eu recorreria com preces e louvações.

⁴³ Canal natural estreito e navegável por pequenas embarcações.

⁴⁴ Entre os amazônidas, este termo significa redondezas, proximidades.

⁴⁵ Termo utilizado em Marajó para designar médiuns que se dedicam a cura, benzeção, parto e incorporação de entidades religiosas ligadas à natureza.

A devoção à santa, implica em minha vida tocar um recôncavo delicado, onde ainda habitam: ladainhas e cânticos, lembranças de minha avó me benzendo, sinos tocando, rezas e preparativos festivos, onde sagrado e profano compor-se-iam os lados de uma mesma moeda. Nessas ocasiões, em que se celebrava a divindade da mãe do Cristo, quantas aprendizagens se tinham? Estar em grupo, saber dividir, saber trabalhar em coletividade, saber partilhar o alimento, lanche ou almoço servido aos devotos; amparar alguém, rir e cantar junto, experiências educativas, contidas nas religiosas, num contexto, em que “a presença da santa é fundamental, na medida em que ela se “dispõe” a participar da festa no mesmo nível dos homens” (AMARAL, 1998, p. 159). Dimensão ritualística que transborda rede de afetos, momento espiritual, religando o homem à sua camada mais profunda, que diz respeito à própria vida.

Mãe espiritual, Maria, a Virgem de Nazaré, e de tantos outros lugares, encontrará nos corpos de mulheres comuns, correspondências de sua representatividade. Professoras, cozinheiras, donas de casa, agricultoras, mulheres de tantas realidades, encarnarão em seus fazeres aspectos louváveis que corroboram para a criação de uma imagem em contrapontos: brava e sensível, astuciosa e emotiva, cuidadora e entusiasta. Ensaio dizer que minha avó é uma dessas encantadas senhoras.

No astrolábio do tempo, eu me perderia ao contemplar sua imagem... Carmem é a voz da minha voz – é dizer encarnado tatuado na minha epiderme, que nesse instante pude recobrar do alto céu do esquecimento. Logo, como hábil Aracne, para não me perder no labiríntico cenário de minhas visões e ser “mundiado”⁴⁶ pelas brumas do tempo, pois necessito continuar minha escrita, volto. E com estas palavras preencho a página em branco, tentando ater-me ao presente. No entanto, é preciso tocar o eterno:

- Bença vó!

- Deus te faça feliz, meu filho!

Cada sílaba é sopro, ritmado pelo batimento do sangue; e a energia deste sopro, com o otimismo da matéria, converte a questão em anúncio, a memória em profecia, dissimula as marcas do que se perdeu e que afeta irremediavelmente a linguagem e o tempo. Por isso a voz é palavra sem palavras, depurada, fio vocal que fragilmente nos liga ao Único (ZUMTHOR, 1997, p.13).

Assim, ao desfolhar as páginas da memória, as reminiscências caem aos meus ouvidos como o sibilar de um rosário rezado ao pé cama, toda manhã. Conecto-me com algo antigo por trás de velhas ressonâncias da palavra – aqui, lembrar, sentir, ouvir são sorvidos em único gole, lento e degustado.

⁴⁶ O mesmo que hipnotizado, entorpecido.

Agora, imerso nesses imensos salões da lembrança, recolho uma imagem... Eu lhe via numa estrada de areia branquinha, cercada de verde, por onde passaria tantas e tantas vezes carregando seu aturá⁴⁷ cheinho de mandiocas. Branca, corpulenta, tinha o rosto afogueado pelo sol, e de certo, ali, quando os lábios não se ocupavam do cachimbo, os versos balbuciados eram orações, apregoadas de *Ave Marias*... Dela, tomaria muitas lições. Senhora de muitos provérbios, eram fórmulas de família, ditas aqui e ali, num momento oportuno: “a rico não deva e a pobre não prometa”; “piolho come na cabeça do dono”; “perdido, perdido o sentido”; “o que é de gosto é regalo da vida”; “mais fácil levar um boi ao moirão que o ignorante à razão”.

Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria (BENJAMIN, 1994, p. 48).

Síntese de um aprendizado, resumo de uma narrativa, quanto mais que isso, os provérbios proferidos por minha avó, com voz firme ou abafada, ensinavam aos grandes e pequenos. Pois eram ditos com pertinência, como axiomas da filosofia diária, contextualizados, faziam-se entender e compreender aquela situação vivida. Há uma chuva deles molhando meu pensamento, os repito aqui e ali, hoje, consciente de sua importância e do modo como flagram um saber antigo.

Poderia dizer, à luz do que apregoa Walter Benjamin (1994), que ante a categoria dos narradores, minha avó é como o camponês sedentário. Mulher que fincou os pés na terra e criou filhos e netos, líder em sua comunidade fez muitos amigos, estabeleceu muitas trocas, consolidou a imagem de mulher íntegra – acumulou assim, muitas histórias, experiências, memórias de sua gente da roça, ribeirinha, marajoara.

Carmem Moraes, minha querida avó, brava mulher, agricultora, mãe de muitos filhos, devota da Legião de Maria; experiência, voz e presença reunidas num só corpo que me marcou como os vincos à testa de um velho. Com uma história de vida sofrida, pobre, órfã muito cedo, quem terminou de criá-la foi uma tia, irmã de sua mãe. Na velhice se encontraria candura em seu olhar, e resignação, num tempo que seria de enfermidade.

Vó Carmem, se de vós me fosse pedido uma imagem, eu diria, que se compôs em antiquíssima árvore em Marajó – que habita uma floresta de vento. E não morreu, porque talismãs não morrem, eles cingem nosso peito no invisível...

⁴⁷ Grande cesto cilíndrico, muito alto, para transporte de produtos naturais.

Morta... serei árvore,
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.
(Cora Coralina)

Rosa, Tecelãs, Rainha das matas...

Entregar-me ao delírio das visões do rigoroso tempo é *mater dolorosa*. Pois, ninguém olha seu passado, e sai dele impunemente. Contudo, embalado nos versos da poeta, sigo a jornada desta escrita. E já não estou mais no mesmo espaço. Vejo minha mãe e minhas tias, cedo, cedinho mesmo, molhando as plantas no terreiro do sítio onde moravam. Antes disso, meu avô as tinha chamado, minha mãe coitada, sentada na beira da rede continuava dormindo, que nem corujinha pendurada no pau, sacolejou-se toda quando sentiu a sandália de couro estalando por baixo. Essa é uma recordação que guardo das tantas memórias que minha mãe compartilhou comigo, do seu tempo de menina, sempre frágil, vagarosa e terna demais para os rigores de uma criação austera, comandada por meu avô.

Na pia batismal, abençoada pela madrinha que lhe escolhera o nome, minha mãe recebera a alcunha de Linda Rosa, nome belo e poético, que parecia caber perfeitamente àquela menina delicada e melindrosa, como ela se descreve para mim, nos seus tempos de criança. No entanto, o que no batismo lhe agraciara, na escola serviria de chacota, e o “linda” seria motivo de riso, implicação e deboche. Com o tempo, ela mesma se incumbiria de trocar o nome. Acrescentando apenas uma letra, e assim, revelando que a delicadeza da criança daria vez a astúcia e firmeza das decisões da mulher.

Ela é a voz presente e direta que atravessa meu ser. Ventre que me gerou e pariu – mantenedora dos meus sonhos. Mãe prestimosa, professora dedicada a seu ofício, hoje aposentada, mulher generosa, de personalidade forte, marcante, alegre e sincera. Ela é responsável por imprimir em mim o gosto pela *Palavra*. É dela também, os louros pelo encargo de agir com franqueza, de nunca esconder o que sinto, o que penso, o que se errou ou acertou nos lances corriqueiros ou excepcionais da vida. Olinda Rosa é pessoa determinada, disposta a criar e sonhar comigo. Voz que se presentifica em mim, no trato comigo mesmo, com o outro, com o mundo.

Na escola foi ela quem me alfabetizou, visto que há tempos frequentava as salas escolares e não assimilava os conteúdos que como professora primária me cobrava em casa, retirou-me da escola onde estava matriculado e me “forçou” a caminhar longos quarteirões ao seu lado, para ser seu aluno no colégio sede do município de Salvaterra. Conhecida pela seriedade e competência em seu magistério, ensinou a ler e escrever algumas gerações de nossa cidade; ali, obrigado a seguir seus métodos de ensino, tive que abandonar a preguiça e o medo e me aventurar pelo mundo das letras e números, deixando um pouco de lado os desenhos que adorava traçar nas páginas em branco do meu caderno.

Menino curioso e delirante vivia criando mundos imaginários e viajando em meus sonhos de criança solitária. Porém, a firmeza no ensino, fez com que pudesse brincar e aprender – minha mãe realmente é uma mestra, soube me fazer assimilar os conhecimentos escolares, sem perder o encanto pela vida de criança: horas bem-marcadas, limites e cobranças, que hoje valorizo e compreendo como fundamentais para minha formação. Nesta época, letra e voz, como num remoto passado, passeavam pelo mesmo jardim da memória, insurgindo imaginação criativa e criação poética, pois, só as criaturas humanas ouvem emergir sua própria voz como um objeto entorno do qual o laço social se solidifica, enquanto toma forma uma poesia (ZUMTHOR, 1997).

Contos de fadas, leitura, números, ditados escolares, teatro escolar, brincadeiras, passeios, banhos de praia e igarapé, carinho, afeto – companhia em todas as horas. O que principiou no ventre, permaneceu e se intensificou após o nascimento, um canto na vida antes da vida, a alhures do pensamento racionalizado “a voz materna se ouvia no íntimo contato dos corpos, calor comum, sensações musculares apaziguadoras. Assim, se esboçavam os ritmos da palavra futura, numa comunicação feita de afetividade modulada” (ZUMTHOR, 1997, p.16).

Sentimento perpassado, elo que une, o amor nas mulheres da família estaria expresso também no cuidado das minhas tias comigo. As três irmãs de minha mãe comporiam o quadro das vozes primeiras do educar. Ducarmo, Odina, Neia se uma pintura resumisse vossos semblantes, esta seria uma expressão sorridente, o modo como encaram a vida que não lhes foi fácil, cheia de desafios, mas que lhes trouxe o aprendizado.

Criaturas humanas, por isso, encantadoras. Com seus amores, filhos, histórias, exemplos, mostraram-me desde tenra idade que o mundo se conquista com os dentes, na profundidade de um abraço ou na dureza do que é inevitável. Professoras como minha mãe, a primeira lição que delas tomo no aprendizado da vida é do afago. Do que dizem e fazem é que retiro esta camada que me cobre os ouvidos. Nascida da escuta de tantos anos e que me forma o corpo:

É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama emanção do nosso ser. A escrita também comporta, é verdade, medidas de tempo e espaço: mas seu objetivo último é delas se liberar. A voz aceita beatificamente sua servidão. A partir desse sim primordial, tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao homem e à terra (ou aquilo com que o homem os representa). A poesia não mais se liga às categorias do fazer, mas às do processo (ZUMTHOR, 1997, p.157).

E desse modo, em processo auto poético, evoco as Moiras gregas, feiticeiras mitológicas – responsáveis por alinhar, costurar e cortar a linha da vida, o destino dos homens – para compará-las às mulheres que, de maneira singular e determinante ajudaram/ajudam a alinhar minha sorte. Com a força da palavra proferida, essas fiandeiras tecem as tessituras de mim. Voz-Corpo, enunciador de outras vozes, em um educar pelo *sensível*, “ressonância infinita que faz cantar toda matéria” (ZUMTHOR, 1997, p. 11).

Assim, por meio das encantarias da voz que em tudo ressoa e tudo faz ressoar, certo dia o corpo entorpece. Rosto suado, cambaleante, caminho por entre brumas, olhos cerrados. Sons confusos, súbito sou conduzido para “os elevados locais do silêncio”, lá onde a “memória treveja como uma derradeira pulsação” (NAKHJAVANI, 2018). Sou tomado!

Flores do campo eu fui buscar, flores do campo eu fui buscar, eu fui buscar, eu fui buscar, eu fui buscar pra sua casa enfeitar ... O clamor ancestral ecoou, ecoou... Convalescente, aos 17 anos, após longo período enfermo, a mediunidade se manifestou em minha vida.

A entidade espiritual que cantava: uma mulher, D. Jurema. Índia terna e curadora, considerada entre seus afetos “como rainha das matas”; bela e guerreira, teria sido filha de Tupinambá, um grande chefe indígena, sofrido um encantamento, passou para outra dimensão, vivendo junto aos espíritos das florestas. Em minha vida, ela viria como herança espiritual, herdada de minha tia avó Ermelinda Moraes, que em vida foi destinada a servir o “povo do fundo”; mas, não cumprira sua missão espiritual por impedimento do marido. Por isso, restava a mim o sacerdócio junto aos caruanas⁴⁸: benzendo, cuidando, incorporando seus mestres encantados.

Os encantados constituem uma categoria de entidade que, manifestam-se de maneiras e em lugares diferentes, recebem denominações de acordo com sua forma de manifestação: Bicho do fundo (animais aquáticos: cobras, peixes, botos, sapos, jacarés); Oiara: forma humana (de modo visível ou através de vozes); Caruana (guia ou cavalheiro) incorporando-se nos pajés (MAUÉS, 1995, p. 170).

Aquelas primícias espirituais foram sensações perturbadoras, não por causarem dor, mas por, estranhamente, encontrarem certa empatia dentro de mim, e me trazerem um conforto, parece mal alocado, motivado por algo ainda não vivido.

⁴⁸ Ente sobrenatural, voltado para a prática do bem, que os indígenas acreditam habitar o fundo dos rios e igarapés, e que é invocado para livrar pessoas de doenças e feitiços.

Contudo, advindo os dias, chegou o conflito, abrolhado pelo que me era exterior. Apesar, de desde criança conviver simultaneamente com rituais católicos e giras de umbanda, e ouvir histórias de pajelança, assim, imiscuído entre cultos cristãos e outros de origem afro-ameríndia, agora, era o meu corpo convulso e depois dormente, que mergulhado num transe inconsciente, às vezes, semiconsciente, deixava falar-agir.

Os encantados, portanto, são seres que normalmente permanecem invisíveis a nossos olhos, mas não se confundem com os espíritos, manifestando-se de modo visível sob uma forma humana ou de animais e fazendo sentir sua presença através de vozes e outros sinais (MAUÉS, 1995, p. 196).

Entrava em jogo aí uma série de construções sociais que em choque umas com as outras, me faziam sofrer e fugir das vozes do invisível que me perseguiam – pois, a partir da ótica cristã, até então, proferida por mim, tudo aquilo não passava de engodo, idolatria, ou na pior das hipóteses, coisa do diabo. Não foi nada fácil. Doravante, eu era tomado pelos espíritos, que minha família consultava apenas em segredo.

Aê Juremê, aê Juremá, tua seta caiu certa Jurema dentro deste congá, aê Juremê, aê Juremá, tua seta caiu certa Jurema dentro deste congá...

Entidades espirituais manifestas na forma de índios tomavam meu corpo, dançavam, cantavam, rezavam. Efetuavam curas, ensinavam remédios para dores físicas e dissabores da alma. Como explicar, como compreender tudo isso, um garoto de 17 anos? A adolescência, aí, com seus questionamentos e metamorfoses, não era elemento que amenizasse aquelas circunstâncias.

Desamparado do mundo, busquei me entender, como primeiro passo. O que subtende não ser o mais simples. O garoto deveria reservar espaço, em sua vida, para um aprendizado difícil e estranho: ouvir os espíritos; pressentir sua aproximação; aprender rezas que os evocava, e outras que os mandava embora; bem, como saber lidar com suas energias e assimilar o que ensinavam: banhos de ervas, unguentos, chás medicinais, seja por meio de sonhos, visões ou escuta.

Nesse caminho, era preciso fazer ruir dogmas e preconceitos, abandonar crenças unilaterais, desterrar deuses que não sabiam dançar! E ainda, recluso, aprender a dividir o pouco que se sabe, com quem sabe menos ainda. E no aprendizado solitário, daquele Marajó dos meus 17 anos, descobrir que o sentir é conhecer: sentir- é estar a conhecer a si mesmo; sentir- é estar a conhecer a natureza; sentir- é estar a conhecer o outro; sentir- é estar a conhecer os espíritos; sentir- é estar a conhecer o mundo. “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14).

É preciso saber que o tempo é mistério. Longo aprendizado em que razões insuspeitas nos levam a errar. Certezas inabaláveis são areia no vento. O contato com o mundo dos espíritos produz visões assombrosas, emblemas na pele da existência, impressões que dali nunca mais se deixam sair. E que ensinam o que nenhuma cátedra poderá nos dar. Contudo, neste aprender reside uma aceitação. Viver um sacerdócio. Seus pesos e medidas, alegrias e sacrifícios. Família. Amigos. Afetos. O sagrado culmina esta parte da história que só o amor pode alinhar.

Caminho só pela casa
e o viajar na casa escura
faz soar meus passos mudos
como em floresta dormida.

Aonde me levam estes passos
que não soam e que não vão:
às armadilhas do voo
como a paisagem no espelho
espatifado no chão?

O escuro é tanque de limo
para minha sombra escolhida
pela memória do dia.
Deixo o mel e ordenho o cacto:
cresço a favor da manhã.
(Olga Savary)

Encantamentos finais...

A educação poética em minha vida assim se dá, costurando elos fronteiriços do viver, nas encantarias das vozes, do visível com o invisível, subvertendo a clausura do corpo, ultrapassando laços consanguíneos, reverberação de algo profundo e contínuo, que não se apaga com seus silenciamentos. Mas, persiste profícuo e caudaloso num rio de palavras, eróticas e sagradas em seu constante *encanto-ser*, quando em mim se projetam. E para além de mim permanece: quando uma senhora ensina seu filho a rezar ao pé cama; quando mulheres cantarolam à beira do rio; quando um menino em silêncio segreda, pelo olhar, uma confiança a seu companheiro de jogo; quando os ceifeiros emitem seus cânticos para animar a colheita; quando as mulheres cortam os umbigos, enquanto homens estão na guerra.

Compreender o delicado modo de ser desta educação pela voz é mergulhar no mundo desses seres femininos encarnados e espirituais, a maneira como ensinam. Aproximar-se do inefável da vida; e não se furtar a beleza presente nisso tudo, que se dá no âmbito da experiência cotidiana – narrativas de vida, dádiva captada pelos sentidos. Possível de ser compartilhada de outros modos, neste caso, nestas linhas de uma pesquisa em educação. As vozes, de minha mãe e minha avó, as vozes de minhas tias, são reverberações de um ato educativo profundo e contínuo, que assim, persistem e, nesta voz-corpo, sensível ao toque da

vida, ao mundo projetam: encantarias que nos versos, mitos, provérbios, pausas e mistérios do oral cumprem sua jornada no campo do dizer/viver.

As palavras, desse modo, escorridas das bocas das mulheres e desaguadas em meu pensamento, vivificadas pela memória, são nesse instante, como tinta a se derramar sobre o papel, manchando significados. Como ondas do mar lambendo a areia da praia inscrevendo a existência apagando o que é. Dizer, marcar, gravar, escrever, sentir são atos devotos impressos na atemporalidade da existência desde quando não a sabemos. Seu princípio educativo eclode junto com a vida no planeta e permanece. Assim, teoria e prática, vida e ciência, aparentemente afastadas, hoje por meio de novos paradigmas, podem e precisam ser lidas como constituintes de uma única teia: complexa, diversa, plural, densa, afetuosa, em que saberes emergidos do cotidiano, já não distanciados da academia, encontram nas lides científicas espaços a percorrer entre vida e sociedade, criando sentidos outros para compreensão do homem nas tensões desse entendimento.

Nas articulações desses processos de vida, a educação pela voz perpassa dimensões simbólicas, culturais, imaginárias, espirituais – em que a memória atua junto às poéticas da oralidade, na construção do educar que se realiza no jogo perene entre ciência e cultura, em que se desenham corpos de homens e mulheres, seres que, pelo encanto da voz articulam novos cenários de poder, de saber, de viver.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país “que não é sério”**. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FARES, Josebel Akel. **Poéticas das Águas Amazônicas**. In.: Sociedade e Saberes na Amazônia. Org. Marco Antônio da Costa et.al – Belém: EDUEPA, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia**. Belém: Cejup, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NAKHJAVANI, Bahiyyih. **O alforje**. Tradução; Rubens Figueiredo. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

PASSEGI, Maria da Conceição. SOUZA, Elizeu Clementino. **O Movimento (Auto)biográfico no Brasil: Esboço de suas configurações no Campo Educacional**. Revista Invesgation Cualitativa, 2 (1) pp. 6-26 (2017).

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOBRE O AUTOR

Mailson Soares - Mestre em educação UEPA; Licenciado em Letras Língua Portuguesa UFPA; ator e cenógrafo formado pela ETDUFPA; dramaturgo e diretor teatral; membro do Núcleo de Pesquisa CUMA/UEPA (Memórias e Culturas Amazônicas); colaborador do Projeto de pesquisa Memórias da Dramaturgia Amazônica: construção de acervo dramaturgício UFPA. Atua nas áreas de Produção Textual, Teatro, Dramaturgia, Cultura afro amazônica, educação sensível. Este texto compõe dissertação de mestrado em Educação PPGED – UEPA, defendida em agosto de 2020; tendo como financiamento bolsa de pesquisa CAPES. E-mail: mailson17ator@gmail.com (<https://orcid.org/0000-0002-7753-1358>).